

# DIA MUNDIAL DA LÍNGUA PORTUGUESA

Academia das Ciências de Lisboa

5.Maio.2026

---

Tomo a palavra com certo pudor, talvez mesmo embaraço, perante seis autores que leio e releio com tanta admiração: Ana Paula Tavares, António Torres, Germano Almeida, José Eduardo Agualusa, Lídia Jorge e Mia Couto. “A língua é literatura”, diz-se (e bem) no Programa que hoje nos junta nesta Academia. Quase tudo o que aprendi na vida, aprendi com os escritores da nossa língua.

No dia em que a UNESCO proclamou o dia 5 de Maio como Dia Mundial da Língua Portuguesa, estavam comigo, em pensamento, as meninas e os meninos, de 6 e 7 anos, de povos indígenas, que um dia visitei numa escola construída sobre palafitas, no estuário do Amazonas. Chegaram à escola de canoa, como eu. Sentámo-nos no chão. Não havia cadeiras. Conversámos, sem qualquer dificuldade, nesta nossa língua comum que a diversidade enriquece. De quantas viagens, de quantas culturas, de quantos encontros e desencontros, é feita esta língua?

---

É impossível falar-vos, hoje, sem a emoção dos sessenta e um dias, contados minuto a minuto, que passaram desde a morte de António Lobo Antunes. Em 2011, entreguei-lhe o Doutoramento Honoris Causa pela Universidade de Lisboa. Disse-nos da felicidade de ter nascido nesta nossa língua portuguesa. Fez-me lembrar Ariano Suassuna – a quem também quis atribuir o Honoris Causa, mas não foi possível devido ao pavor que tinha dos aviões: “Aquilo não pode dar certo: um negócio daquele tamanho voando!” – que dizia: “Graças a Deus eu nasci num país que fala Português”.

Sessenta e um dias, apenas, e já parece uma eternidade.

“Não faço ideia do que vai ser de mim. Um dia morro. [escreveu] Paro. Metem-me num buraco, fechado numa caixa. Mas, e isso é a minha salvação, hão-de ficar uns tantos tijolos de palavras a abrigarem a chamazinha frágil do meu nome. E são os tijolos, não o nome, o que realmente importa. Obrigada, vida, por me teres dado tempo de os construir. Foi tudo o que pretendi, desde que me conheço. E, dito isto, posso começar”.

---

Celebramos este Dia Mundial na Academia das Ciências, criada na época da *Enciclopédia*, que divide o sistema dos conhecimentos, em três partes: Memória, Razão e Imaginação. Na “Razão” está a Ciência do Homem e a Ciência da Natureza. Resumindo: Ciências, no tempo da fundação da nossa Academia, incluía também as Letras.

Mas se tomarmos Ciências no seu significado actual, logo nos apercebemos de um problema com a nossa língua. Não está mal que o Inglês seja o novo “Esperanto da Ciência”. É natural, e mesmo útil, para todos aqueles que, como eu, defendem a livre circulação do conhecimento, o acesso aberto, a ciência aberta. Mas isso não pode significar a desvalorização do Português como língua de ciência, de cultura científica.

Recordo-me do que, numa outra época e num outro contexto, escreveu Vasco Graça Moura: “Não queremos uma Torre de Babel com uma língua única, totalitária, mas a existência de uma língua franca (hoje, o Inglês) pode ser a maneira de preservar os vários idiomas, as suas especificidades e as suas visões do mundo, porque estabelece pontes úteis entre todos eles”.

Na ciência, como na vida, para nos entendermos precisamos de ter mais do que uma só língua. E, num tempo de aceleração tecnológica, quando toda a tecnologia tem uma base científica, a afirmação do Português neste domínio é absolutamente decisiva. Disse-nos um dia Eduardo Lourenço: “Uma língua viva deve estar em perpétua expansão, ao menos no seu espaço interior, sob pena de se tornar ainda em vida *língua morta*”.

---

Depois da cultura e da ciência, a convivialidade. Muitas vezes temos falado (e bem) da importância do ensino do Português no estrangeiro. Agora, temos de falar também, do ensino do Português a estrangeiros, a imigrantes que vieram viver para o nosso país.

Nas escolas públicas haverá cerca de 15% a 20% de alunos estrangeiros, e toda uma população adulta precisa de aprender a língua portuguesa. Temos de tomar medidas urgentes neste sentido, para assim criarmos as condições de uma presença justa e de uma participação de todos na vida cívica, social e económica.

Há trabalhos notáveis que estão ser feitos por associações e escolas, em todo o país, mas falta uma visão clara da importância da língua num país que será cada vez mais terra de muitas culturas.

---

Quero terminar com a diplomacia. Poderia abordar a justa pretensão de incluir o Português como língua oficial das Nações Unidas. Mas, a loucura dos dias que vivemos, empurra-me noutra direcção – a urgência da paz.

A língua portuguesa está espalhada pelo mundo, sobretudo no hemisfério sul, como nenhuma outra. É certo que há línguas faladas por mais pessoas no chamado Sul Global, como o mandarim ou o hindí, mas estão confinadas às suas próprias geografias.

O Português poderia, e deveria, aspirar a ser uma língua vocacionada para a mediação pela paz, realizando nos diversos continentes esse trabalho duro e difícil de ir “adiando o fim do mundo”, como escreveu Ailton Krenak. Nenhum dos nossos países tem ambições ou capacidades de dominação. E isso dá-nos um poder de mediação que, de outro modo, talvez não tivéssemos.

A nossa língua tem tudo para ser uma língua de paz, da paz. Talvez não na Europa, talvez não no Médio Oriente, mas certamente em África (onde se passam algumas das guerras mais brutais e silenciadas), e na América Latina, e em certas regiões da Ásia. Devo confessar-vos que é o grande sonho que alimento para esta nossa língua.

Que fazer, quando tudo arde? E quando os incendiários se orgulham do fogo que ateiam? Só nos resta, talvez, acreditar na “mão da esperança [que] apaga as rugas da alma”. É uma esperança sem ilusões, mas ainda assim esperança.

Não sei se fomos nós que fizemos a língua, se foi a língua que nos fez a nós. Mas sei que a língua portuguesa não é o lugar das coisas tristes ou alegres do passado, é o lugar das lutas duras, vitais, do futuro. Com a esperança possível. Obrigado.

António Sampaio da Nóvoa